

DA ARQUEOASTRONOMIA E DA ETNO-ANTROPOLOGIA — CONTRIBUTO PARA UMA EPISTEMOLOGIA DO ESTUDO DA(S) LÓGICA(S) DAS SOCIEDADES CAMPONESAS

por

Ana Paula Fitas¹

Resumo: Dada a recorrente relação entre Arqueologia e Astronomia, o presente artigo procede a uma abordagem epistemológica desta perspetiva tradicional e persistente, em termos etno-antropológicos, propondo, para o efeito, a leitura integrada do pensamento simbólico associado à dimensão astronómica e à cultura material das sociedades que precederam os registos escritos da História. A autora recorre a um estudo de caso, exemplificativo, a saber, a área megalítica do Alentejo, localizada no distrito de Évora.

Palavras-chave: Megalitismo; Sociedades Camponesas; Astronomia; Etno-Anthropologia.

Abstract: Given the recurrent relationship between Archeology and Astronomy, this article proceeds to an epistemological approach from this traditional and persistent ethno-anthropological perspective, proposing, for this goal, an integrated reading of symbolic thought associated with the astronomical dimension and material culture of societies that preceded the written records of History. The author uses a case study, exemplifying it with the megalithic area of Alentejo located in Évora district.

Keywords: Megalithism; Peasant Societies; Astronomy; Ethno-Anthropology.

As estrelas e as configurações que as sociedades lhes reconhecem, nomeando-as, sempre serviram não apenas para alimentar o mistério da transcendência mas, essencialmente como sistema de marcadores referenciais em termos de orientação da mobilidade humana, fundamentando o modelo que se regista e transmite através da expressão do pensamento simbólico.

Tal como acontece no caso dos pescadores que “no céu” e “nas estrelas” interpretam indicações do estado do mar, contribuindo para o planeamento e as expectativas da apanha do peixe, também se aplicam, em terra, interpretações relativas, por exemplo, à indicação de caminhos para acesso a pastagens, outras

¹ Doutora em Ciências Sociais e Cultura Portuguesa do Século XX. Investigadora Sénior no CIED da Universidade Lusófona e Coordenadora do Centro de Estudos do Endovelico.

comunidades, lugares de reunião, festividades, enterramentos, calendário, previsibilidades meteorológicas, conflitos ou outros factos, eventos e detalhes conhecidos dos habitantes locais.

Se nos fixarmos num conjunto de estrelas ou numa constelação, podemos vê-la apenas em perspectiva, uma vez que à medida que avançamos no terreno, se vai mantendo, relativamente ao nosso olhar, uma constante distância proporcional no horizonte. Contudo, se a encararmos como fixa e traçarmos, a partir da nossa visão, linhas imaginárias até ao solo, podemos obter uma cartografia terrestre susceptível de ser utilizada como instrumento metodológico para opções de orientação espacial.

Neste contexto, a construção megalítica (de menhires, cromeleques, dolmens, antas), associada a períodos de desenvolvimento civilizacional (a metalurgia, por exemplo) em que seria impensável a inexistência de uma lógica coletiva e comunicacional, tem seguramente esta função de afirmação de ocupação espacial de uma comunidade e, de uma ou outra forma, da sua afirmação identitária.

Este pressuposto (ou postulado como considerarem por bem classificá-lo) pode problematizar-se sob a forma de duas hipóteses referentes à sua função social. Na primeira, a constelação serve de referencial para médias e longas distâncias² relativamente a uma configuração material/territorial, qual cartografia que nos orienta em direcções supostamente interessantes e de interesse comum. Na segunda hipótese, o mapa da constelação é utilizado para distâncias de curto alcance³. Em ambas as hipóteses, a sua função social permite marcar referências que os seres humanos, com o seu pensamento simbólico e abstrato no contexto das respetivas condicionantes percetivas espacio-temporais, conduzindo-nos à noção de um sistema ou rede comunicacional utilizável por clãs, tribos, fratrias e viajantes. Esta leitura de um sistema de marcadores materiais como configuração de uma rede de comunicação entre comunidades humanas, confere não só a possibilidade da sua transmissão oral, como também um complexo de significados, sentidos e significantes no âmbito da perspectiva organizacional das mesmas.

Assente no princípio da causalidade, o pensamento simbólico reflecte a associação e a analogia entre os diferentes papéis que cumprem as funções sociais do sistema de marcadores territoriais que encontra significado em determinadas datas e objetivos: Equinócio, Primavera, floração, fecundidade, plantação, transumância, solidariedade comunitária no êxito ou seja, religiosidade; Solstício, Verão, fertilidade, reforço da interação social, colheita e celebração de reiterada solidariedade/religiosidade; Equinócio, Outono, avaliação da colheita, distribuição, trocas,

² FITAS (2011), a autora refere Orion como matriz referencial de uma civilização megalítica.

³ Dada a sua área de influência, a matriz aplica-se a áreas culturais e culturas regionais.

aprovisionamento e celebração de agradecimento da solidariedade (religiosidade) reiterada para o próximo período; Solstício, Inverno, recolta, caça, avaliação do aprovisionamento e expressão da expectativa e da esperança (religiosidade) com a chegada do próximo ciclo. Os calendários festivo e da relação fecundidade/fertilidade, quer através dos casamentos, quer através dos nascimentos reiteram esta estrutura do pensamento simbólico.

...

No distrito de Évora, no Alentejo, a área megalítica distribui-se em 2 grandes pólos: a nordeste e a sudoeste da cidade de Évora ou, se nos quisermos situar de imediato no contexto megalítico, do Cromeleque dos Almendres. A nordeste fica o território entre as atuais localidades de Montemor-o-Novo e Mora e a sudoeste o território entre Alandroal e Reguengos de Monsaraz. A configuração espacial deste território é um retângulo que, de longe, perspetivamos na diagonal. Posicionando-nos no Cromeleque dos Almendres somos levados a constatar que as laterais deste retângulo, a este (Estremoz, Casabranca, Cano, Sousel e Vimeiro) e a oeste (S. Manços, Monte do Trigo, Portel) não registam um tão significativo número de megalitos (menhires, antas ou cromeleques), denotando como áreas de povoamento com inscrição espacial megalítica, os extremos desse retângulo, de forma elíptica, que, de ambas as direções (nordeste e sudoeste) convergem nesse potencial centro que é o nosso ponto de partida, o Cromeleque dos Almendres.

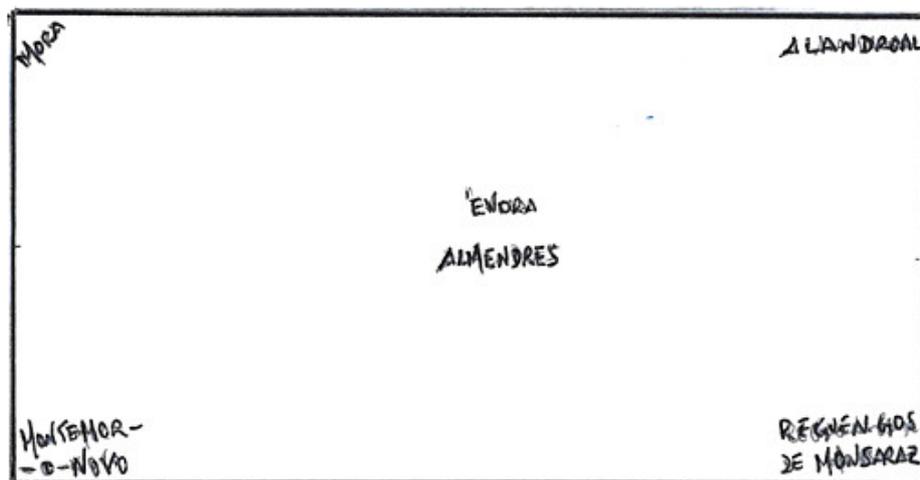


Fig. 1. Área Territorial megalítica.

Curiosa, coincidente ou intencionalmente, o facto é que se olharmos para o “céu”, encontramos por cima de nós, a Constelação de Orion, cuja configuração é exatamente um retângulo cujo centro se apresenta como o ponto de convergência das linhas cruzadas entre as suas extremidades, assinalado por três estrelas seguidas. A mitologia desenhou, a partir dessa configuração associada a estrelas próximas (que também encontram correspondência territorial interessante), a representação de um guerreiro, designado as três estrelas centrais como o seu cinturão.



Fig. 2. Constelação de Orion (no céu, a “olho nú”).

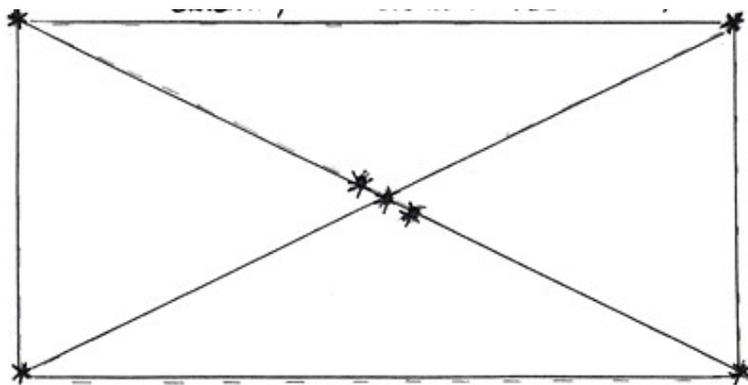


Fig. 3. Constelação de Orion. Representação social da percepção para orientação com efeitos de mobilidade.

Se atendermos à correspondência entre as duas áreas de povoamento (eventual *área cultural*⁴ dada a partilha da arquitectura megalítica) e o traçado entre as extremidades do rectângulo da constelação Orion e da área territorial demarcada pelas atuais localidades de Montemor-o-Novo, Mora, Alandroal e Reguengos de Monsaraz, não é difícil deduzir que os traçados da mobilidade humana neste espaço tendem a encurtar distâncias, pelo que se encontra similitude nos traçados cruzados entre as estrelas que são extremidades da constelação e os trajetos da itinerância da mobilidade humana.

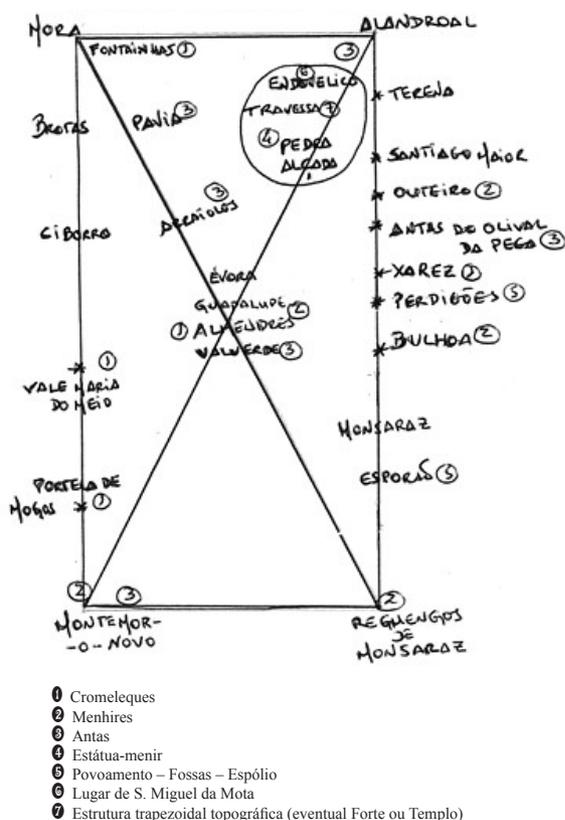


Fig. 4. Áreas mais densamente ocupadas por vestígios megalíticos.

⁴ FITAS (2010), a autora refere a paisagem etno-arqueológica megalítica do distrito de Évora como configuração de uma cultura regional.

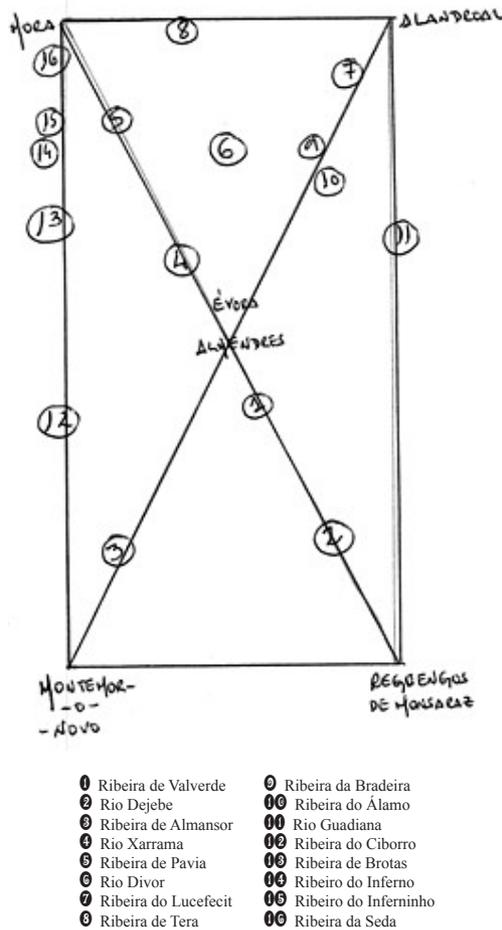


Fig. 5. Rede hidrográfica da área megalítica (rede principal).

Vale a pena, neste contexto, evidenciar o significado de “*almendres*” que, na toponímia antiga⁵, designaria “*local de reunião*” ou “*assembleia*”. Se de clãs, tribos, fratrias ou outro tipo de comunidades vizinhas, essa é uma observação que, por ora, se mantém no plano especulativo, uma vez que só quando for conhecida a organização social integral da região, se poderão compilar elementos suficientes para uma eventual classificação da população, nestes termos.

⁵ In SANTO, Moisés Espírito (1993), *As Origens do Cristianismo Português*, ed. UNL, Lisboa.



Fotografia 1. Fotografia dos Almendres.

A questão é a de saber se o modelo apresentado é válido para o estudo das relações entre a possibilidade da lógica de territorialização corresponder a um modelo de pensamento simbólico inspirado na paisagem estelar, perspectivada como instrumento de gestão da organização social que, eventualmente, *a posteriori*, poderia desenvolver o papel de “*mito de fundação*”. Dito de outro modo e agora de forma mais restritiva, é a lógica de territorialização que fundamenta o pensamento simbólico (e a mitologia) ou é o pensamento simbólico (e a mitologia) que configura as formas de instalação comunitária? Obviamente, a fundamentação da lógica de ocupação espacial é de natureza territorial e o desenvolvimento do pensamento simbólico é dela decorrente e recorrente.

A perspectiva de partir do que se concluiu até hoje sobre o pensamento simbólico mágico-religioso é exemplificada na interpretação das pinturas rupestres com episódios de caça: seria a inscrição uma espécie de ex-voto para o sucesso da jornada? Seria feita em cerimônia coletiva antes da partida? Seria o trabalho de alguém que a fazia enquanto a caçada decorria (um xamã, por exemplo)? Seria a celebração de um bom episódio de uma caçada bem sucedida? Seria a manifestação da atividade mais importante de uma comunidade? Feita intencionalmente por todos e para todos ou para grupos restritos?

A leitura do “céu” como cartografia terrestre é, do ponto de vista material, uma perspectiva de orientação espacial para a mobilidade humana; do ponto de vista simbólico, é por certo um dos sistemas de apoio à causalidade de fenômenos positivos ou negativos.

Nesta abordagem, faz sentido não apenas o calendário solar mas, essencialmente, o calendário lunar e o culto da Lua continua como uma reminiscência evidenciável etnograficamente na religiosidade popular⁶.

A Lua, a noite e as estrelas protegem e dão orientações para o uso do tempo solar. É na noite que se escreve e decifra a comunicação entre pastores, viajantes ou comunidades vizinhas. De noite, estuda-se o céu, reflecte-se e planeia-se o dia. De noite, projeta-se o que se realiza de dia. Por isso, os monumentos megalíticos podem ser objeto de “*reunião*” ou “*assembleia*” quer solar, quer lunar, consoante a função e o objetivo tenha uma natureza material (colheitas, caça, transumância) ou uma natureza simbólica (interpretativa, evocadora, protetora) e tanto num caso como no outro, recorrem aos sistemas marcadores espaciais (territoriais e estelares) para comunicarem entre si através de um calendário que se enuncia e interpreta através desses mesmos marcadores.

O caso exemplificativo da constelação de Orion relativamente à configuração da arquitectura megalítica, no distrito de Évora, no contexto de um retângulo territorial imaginário, teria: a) uma linha de cromeleques (Almendres, Portela de Mogos, Vale de Maria do Meio e Fontainhas) a nordeste e uma linha de antas e menhires de Pavia a Arraiolos e Montemor; b) uma linha iniciada com o Cromeleque dos Almendres e continuada a sudoeste numa rede de antas e menhires (Valverde, Menhires de Reguengos, do Outeiro, da Belhoa, Antas do Olival da Pega e Pedra Alçada).

Interessante é também o alinhamento Menhir – Cromeleque – Anta que se verifica no caso do Menhir e do Cromeleque dos Almendres e da Anta do Zambujeiro em Valverde: áreas distintas de afirmação identitária (menhir) da organização social (cromeleque) e dos enterramentos e da morte (antas), estrutura que nem sempre se verifica com esta evidência.

⁶ In SANTO, Moisés Espírito (1989), in *Origens Orientais da religião Popular Portuguesa*, ed. Assírio e Alvim, Lisboa.

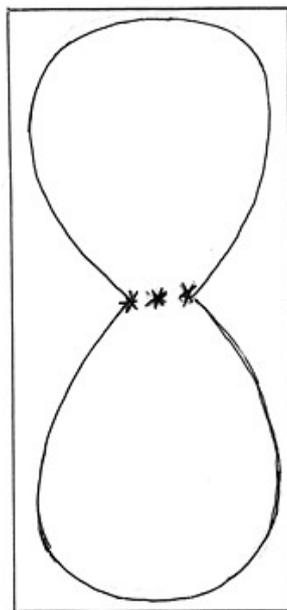
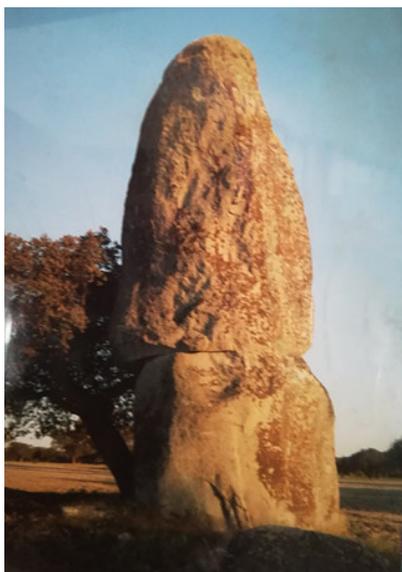


Fig. 6. Itinerários — configuração espacial da mobilidade humana.

A correlação estratégica entre lugares (de reunião, de defesa e de preservação dos antepassados) está gravada numa cartografia megalítica onde, tomando como centro o Almendres, pela sua dimensão e pelo conjunto articulado das três estruturas (menhir, cromeleque e anta) se pode supor a centralidade de um poder ou mesmo a simbólica de uma hierarquia social entre comunidades vizinhas, pertencentes à mesma área cultural.

Pela relevância da Pedra Alçada neste contexto territorial tão próximo do lugar de S. Miguel da Mota onde, nas ruínas de uma capela dedicada a S. Miguel, José Leite de Vasconcelos encontrou as 292 lápides romanas dedicadas a *Endovellicus*, entidade pagã, pré-romana de natureza autóctone, poder-se-ia perguntar se aí não se encontraria um espaço simbólico comum à área cultural da rede de mobilidade humana registada na hipótese do modelo apresentado. E se o templo original desta divindade fosse a própria Pedra Alçada e/ou a estrutura subjacente à Travessa, local topograficamente reconhecido e localizado a pouca distância da Pedra Alçada?



Fotografia 2. Fotografia da Pedra Alçada.

A questão para que, do ponto de vista epistemológico, se pretende chamar a atenção é a do facto da análise isolada dos monumentos megalíticos se denotar redutora relativamente à compreensão da complexidade social de que são manifestações emergentes. Mircea Eliade enunciou nos seguintes termos a problemática: “(...) tais monumentos não estão isolados. Fazem parte de um complexo megalítico. (...) duas gerações de pré-historiadores têm-se esforçado por demonstrar a continuidade de todas as culturas megalíticas europeias. Continuidade que só se poderia explicar pela difusão do complexo megalítico, a partir de um centro situado em Los Millares, em Almeria. (...)”⁷.

De facto, reiterando o que escrevi há anos⁸: a densidade da ocupação espacial denota a complexidade e dimensão da organização social com que é povoado esse território. Neste contexto, a tese de M. Eliade relativamente a uma civilização megalítica mediterrânica não contraria mas, pelo contrário, enquadra os modelos locais/regionais das áreas culturais em termos de organização social e estruturação espacial, confirmando a possibilidade da Constelação de Orion se constituir como matriz referencial de orientação, susceptível de ser utilizada como recurso no que respeita a grandes mas, também, a pequenas distâncias.

⁷ ELIADE, M. (s/d), in *História das Ideias e das Crenças Religiosas*.

⁸ FITAS (2011).

A consideração de uma Matriz com uma dupla função de referencial de orientação no micro e no macro-espaco, concorre para a consolidação da ideia de uma simbólica da comunicação e de uma representação cartográfica para efeitos de mobilidade humana.

NOTAS FINAIS

Com o presente artigo pretende-se contribuir para uma epistemologia da perspectiva arqueo-astronómica que, liberta de pressupostos místicos ou de projeções do presente, pode, na realidade, contribuir para a compreensão das formas de elaboração do pensamento simbólico, atendendo à lógica da sua configuração espacial e da sua orgânica social... se, como escreveu Armindo dos Santos: “(...) prestar atenção ao que representa a espécie de linguagem sociológica discretamente expressa na configuração espacial e refletida pela paisagem social.(...)”⁹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Pedro (1996-1997), *Alguns Vestígios de Paleoastronomia no Cromleque dos Almendres* in «A Cidade de Évora», I série, n.º 2 , ed. CME, Évora.
- ALVIM, Pedro (2009), *Recintos Megalíticos do Ocidente do Alentejo Central — Arquitectura e Paisagem na Transição Mesolítico/Neolítico*. Tese de Mestrado em Arqueologia e Ambiente, ed. Universidade de Évora, Évora.
- ELIADE, Mircea (s/d), *História das Ideias e das Crenças Religiosas*, ed. RÉS, Porto.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés (1989), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, ed. Assírio & Alvim, Lisboa.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés (1993), *Origens do Cristianismo Português*, ed. Instituto de Sociologia e Etnologia ds Religiões – UNL, Lisboa.
- FITAS, Ana Paula (1993), *Factores Sócio-culturais da Definição Significante de um Facto Religioso — o caso da Aldeia da Venda* in «Fórum Sociológico», n.º 3, ed. IEDS-UNL, Lisboa.

⁹ SANTOS (2004).

FITAS, Ana Paula (1994), *A Construção Cultural do Espaço* in «Fórum Sociológico», n.º 5, ed. IEDS-UNL, Lisboa.

FITAS, Ana Paula (1997), *Ocupação Sexual dos Espaços e Redes de Comunicação Social na Aldeia da Venda (Alandroal-Alentejo)*, ed. CMA, Alandroal.

FITAS, Ana Paula (1998), *Cântico à Ordem das Oliveiras — Da Sociologia da Cultura à Etnologia Histórica* in «Sítios e Memórias», ed. Dois Horizontes, Lisboa.

FITAS, Ana Paula (2003), *Da Etnobotânica à Sociologia da Cultura* in «Cadernos de Etnobotânica», n.º 1, ed. Publicações da Universidade de Évora, Évora.

FITAS, Ana Paula (2010), *Paisagens Etno-Arqueológicas e Culturas Regionais — Do Endovélico a Mérida e aos Almedres* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», n.º L, ed. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

FITAS, Ana Paula (2011), *Etno-Paisagens e Megalitismo — um contributo para uma hermenêutica da etnologia histórica no Alentejo* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», n.º LI, ed. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

MOITA, Irisalva (1963), *Sobrevivência de Cultos de Origem Pagã no Interior do Alentejo*, ed. Separata das «Actas do Congresso Internacional de Etnografia», Santo Tirso.

SANTOS, Armindo dos (2004), *As Etno-Paisagens. A Observação Etnogeográfica das Formas Sociais de Modelagem do Espaço* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. 44 (1-2), ed. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

SILVA, Cândido Marcelino da (2000), *Sobre o Possível Significado Astronómico do Cromleque dos Almedres* in «A Cidade de Évora», II série, n.º 4, ed. CME, Évora.

SILVA, Cândido Marcelino da & CALADO, Manuel (2003), *New Astronomically Significant Directions of Megalithic Monuments in the Central Alentejo* in «Journal of Iberian Archaeology», n.º 5, ADECAP, Porto.

SILVA, Cândido Marcelino da (2004), *Spring Full Moon* in «Journal for the History of Astronomy», vol. 35, Parte 4, n.º 121.